
LITERATURA E PRAGMATISMO: Pressupostos Teóricos Contemporâneos da Crítica Literária

Maurício Pedro da Silva

Doutor e Mestre em Letras
Clássicas e Vernáculas – USP;
Professor de Língua Portuguesa na
UNINOVE

Resumo

O presente artigo trata das tendências contemporâneas da crítica literária, enfatizando as relações entre literatura e pragmatismo, a partir de conceitos como os de recepção, sistema e institucionalização literárias.

Palavras-chave: crítica literária; pragmatismo; recepção literária; sistema literário; institucionalização literária.

Abstract

The present article analyses the main contemporary literary criticism tendencies, and points out the relations between literature and pragmatism. The pragmatic perspective reveals some aspects of literature, as the reader-response criticism, the literary system and the literary institutionalization.

Key words: literary criticism; pragmatism; reader-response criticism; literary system; literary institutionalization.

Analisar o desenvolvimento do pensamento crítico-literário Ocidental, ao longo dos séculos, representa um contato direto com uma infinidade de teorias e proposições acerca da obra e do fazer literários. Da Antigüidade greco-romana (Platão, Aristóteles, Horácio), passando pelos clássicos franceses (Boileau) ou pelos românticos alemães (Schiller, Goethe), até chegar aos formalistas russos (Jakobson, Propp), não são poucas as idéias e os conceitos emitidos sobre o fenômeno da criação artística. Inevitavelmente, tais conceitos estão ligados, de modo intrínseco, à época em que foram forjados, embora cronologicamente as teorias mais recentes possuam a prerrogativa de poder repensar as anteriores, o que não significa que devam ser consideradas melhores ou mais completas.

Desse modo, as teorias atuais possibilitam uma análise do objeto de estudo mais acurada e precisa, na medida em que congregam maior experiência de observação, apesar de se fazer irretorquível o argumento de que a arte é basicamente a manifestação do incompleto, do impreciso e do inacabado, como havia afirmado Milan Kundera (1988, p. 65): “*all great works (precisely because they are great) contain something unachieved.*”¹

1 “Todas grandes obras (precisamente porque são grandes) contêm algo de inacabado.” (tradução nossa).

Até como resposta a essa tendência à inerente imprecisão da obra de arte, as mais recentes tendências da teoria e da crítica literárias procuram contemplar, na medida do possível, a estrutura, a função e o valor da literatura como prática simbólica de transformação/produção de matérias e formas sociais, a fim de que a prática literária possa ser satisfatoriamente definida e analisada no panorama de atitudes que forjam o que se convencionou chamar de ‘campo literário’, uma vez que, como afirma Bourdieu (1996, p. 108), só é possível uma compreensão plena de uma obra “com a condição de reaprender a situação do autor no espaço das posições constitutivas do campo literário.”

A aplicação, em literatura, dessa perspectiva crítica apresenta alguns possíveis inconvenientes sobre os quais vale a pena refletir. O primeiro deles é aquele que sugere uma espécie de retorno à Sociologia da Literatura tradicional, vincada pelas idéias – não exatamente ultrapassadas, mas deslocadas – de um marxismo em vias de revisão, tais como as que Lukács (1989) ou Goldman (1976) defenderam.² Esse pretense anacronismo é facilmente descartado quando se opta, ainda no vasto campo da Sociologia da Literatura, antes por teorias que, partindo de vertentes tradicionais do sociologismo literário, relacionam-se com posicionamentos críticos que, de uma maneira ou de outra, buscam inovar na consideração da obra literária e em suas conexões com fenômenos sociais. O segundo sugere um possível abandono da abordagem imanentista da obra literária, em favor de uma clivagem transcendente. Na verdade, não se trata propriamente de um abandono, mas de uma tentativa de estabelecer um equilíbrio entre os elementos que compõem externa e internamente uma obra, o que, de certa forma, aponta para um desvio dos tratamentos mais radicalmente imanentistas, tal e qual prescrevem tendências teóricas como o Formalismo ou o Estruturalismo (TODOROV, 1965; BARTHES et al., 1970).³

2 Para um estudo panorâmico dessas teorias, consultar Scarpit, 1964.

3 Para um estudo das teorias imanentistas na crítica literária, consultar Eagleton, s.d.

Com efeito, o quadro da teoria literária – que até meados do século XX parece ter permanecido excessivamente subserviente às abordagens imanentistas, modificou-se bastante a partir das teorias pós-estruturalistas (LODGE, 1988; YOUNG, 1987) e, no que aqui nos interessa, principalmente com as teorias formuladas por Mikhail Bakhtin, que vincula os atos de enunciação à situação social em que se inscrevem. No rastro dessa idéia, o próprio teórico russo pôde formular um novo conjunto de conceitos, por meio dos quais sugere a impossibilidade de estudar uma obra literária fora de sua contextualização social (BAKHTIN, 1988 e 1990). De fato, para este autor os estudos literários devem ser considerados uma manifestação prática do conceito de ideologia, sendo a literatura uma criação ideológica que se concretiza no processo de relação social, daí a necessidade de considerar os aspectos exteriores na tarefa de interpretação crítica:

social intercourse is the medium in which the ideological phenomenon first acquires its specific existence, its ideological meaning, its semiotic nature. All ideological things are objects of social intercourse, not objects of individual use, contemplation, emotional experience, or hedonistic pleasure [...] The work of art, like every other ideological product, is an object of intercourse. It is not the individual, subjective psychic states it elicits that are important in art, but rather the social connections, the interactions of many people it brings about. (BAKHTIN, 1978, p. 8-11).⁴

Assim, parece-nos necessário, atualmente, adotar uma metodologia analítica que, aproveitando direta ou indiretamente a heurística bakhtiniana, estabeleça novos parâmetros epistemológicos para a relação entre literatura e sociedade. Tal metodologia pode ser encontrada em teorias que possuem, tanto em sua origem quanto em sua práxis hermenêutica, uma “natureza pragmática” (CALDERÓN, 1996; HOLMAN, 1992; REIS, 1994; SHAW, 1982), isto é, aquelas tendências que lograram realizar – dentro da própria Sociologia da Literatura – uma apreciação da obra literária a partir de uma série de fenômenos contextuais, indo da Estética da Recepção até a Ciência Empírica da Literatura, com incursões

4 “o intercâmbio social é o meio no qual o fenômeno ideológico adquire primeiramente sua existência específica, sua significação ideológica, sua natureza semiótica. Todas as coisas ideológicas são objetos de intercâmbio social, não objetos de uso individual, contemplação, experiência emocional ou prazer hedonístico [...] A obra de arte, como qualquer outro produto ideológico, é um objeto de intercâmbio. Não são os estados individual e subjetivo subentendidos que são importantes em arte, mas, ao contrário, as conexões sociais, as interações de várias pessoas que ela ocasiona” (tradução nossa). Para uma visão mais ampla das teorias bakhtinianas, consultar Todorov, 1981; Lodge, 1990; Barros, 1994.

diversas pela Análise do Discurso ou pela Sociocrítica. (NEWTON, 1993; TADIÉ, 1987).⁵

5 Para a contestação das teorias pragmáticas, de extração sociológica, consultar Frye, 1973; Frye, s.d.

Com efeito, uma análise que busca contemplar não apenas as particularidades mais estruturalmente intrínsecas de um determinado conjunto estético, mas também como tais particularidades puderam ser forjadas no bojo de uma série de condicionantes extraliterários, não pode prescindir de uma fundamentação metodológica que, de certo modo, privilegie aspectos circunstanciais e contextuais da produção artística, particularmente aqueles que – a partir da clivagem sofrida pelo atual quadro teórico-literário – acabaram ganhando estatuto de fatores condicionantes na conformação e consolidação das tendências estéticas.

Desse modo, faz-se indispensável esclarecer, desde já, algumas conceitos que, ainda que nem sempre de modo explícito, fazem parte indissociável dessa perspectiva crítico-analítica do texto literário: o contexto, o sistema e a instituição literários.

A primeira questão a ser explorada é aquela que vincula a literatura a uma série de circunstâncias sociais mais amplas, isto é, que prescreve a necessidade de se avaliarem obras e autores determinados não como meras categorias estruturais do texto literário, fato que aponta para a problemática mais dilatada do ‘contexto’ literário. Com efeito, parece-nos pouco prudente – e as mais recentes tendências teóricas tendem a confirmar essa asserção – aprofundar-se numa análise exclusivamente estrutural de determinado autor/obra, sem levar em consideração os fatores contextuais responsáveis por seu êxito ou fracasso e necessários a sua configuração estética. Assim, não se pode levar adiante semelhante tarefa, sem que se dê especial atenção ao papel desempenhado pelo ‘sujeito interpretante’ do texto literário:

textos literários não são tratados como objetos autônomos ou atemporais; estão articulados com atores e suas condições socioculturais de ação. Conseqüentemente, os textos não são vistos como possuindo seu significado e sendo literários; em vez disso são os sujeitos que constroem significados a partir de textos e eles percebem e tratam textos como fenômenos literários em seu domínio cognitivo pela

aplicação de normas lingüísticas e convenções que internalizaram no processo de socialização nos seus respectivos grupos sociais. (SCHMIDT, 1996, p. 113).

Num sentido mais amplo — já que não trata do texto enquanto forma, mas como sentido —, as teorias conhecidas como *Reader-Response Criticism* defendem a idéia de que toda interpretação, em vez de comunicar ao leitor o sentido do texto, deve preocupar-se em explicitar, antes, as “*conditions de constitution du sens*”, levando a crítica literária a ultrapassar a fase do século XIX da “*réduction des textes de fiction à une signification discursive*” (ISER, 1997, p. 33-43).⁶ A estilística tradicional conhece apenas uma espécie de compreensão passiva do discurso, o significado neutro da enunciação, ao contrário de sua compreensão ativa, que pressupõe a interação de diversos contextos, pontos de vista, sistemas de expressão etc. Em oposição a esse posicionamento, o contexto não deve ser considerado uma categoria que existe independentemente do fenômeno literário, mas como elemento intrínseco ao texto, parte integrante de sua estrutura. Por isso, acreditamos devam fazer parte da obra literária tanto os “suportes materiais da enunciação”, isto é, seus elementos técnicos (escrita, tipografia, veículo etc.), quanto a “situação de enunciação”, ou seja, suas circunstâncias (período, lugar, indivíduo enunciador etc.), já que o contexto “*informa* em profundidade a enunciação literária” (MAINGUENEAU, 1997, p. 101), o que, em última instância, volta-se para a importância do que a Análise do Discurso convencionou chamar de ‘condições de produção’ do texto literário, expressão vertida, nas palavras de Maingueneau, para ‘condições de enunciação’, modo pelo qual a idéia de contexto — e sua importância para a obra literária — torna-se mais explícita: “as condições de enunciação do texto literário não são uma estrutura contingente da qual este poderia se libertar, mas estão indefectivelmente vinculadas a seu sentido”; ou, em outras palavras, as “circunstâncias da enunciação [devem ser] compreendidas não como um entorno contingente do enunciado, mas como um dos componentes de seu ritual” (op.cit., p. 19-66).⁷

Isso fica claro quando percebemos que, para a Sociocrítica, as tendências pragmáticas da literatura visam à elaboração de uma *grammaire des contextes*, em oposição à valorização, pelas

6 Respectivamente: “condições de constituição do sentido” e “redução dos textos de ficção a uma significação discursiva” (tradução nossa).

7 Sobre a noção de condições de produção para a Análise do Discurso, consultar Brandão, 1997; Gadet, 1993; Orlandi, 1994; Maingueneau, 1997.

tendências estruturalistas, de uma *grammaire des textes*, por meio da qual buscam a exclusão do sujeito do discurso e a constituição de um modelo abstrato do funcionamento textual, descolado de seu contexto. A idéia de gramática dos contextos sugere, além disso, uma série de aspectos textuais geralmente negligenciados pela crítica imanentista, como a

relation d'implications et de proposition entre le sujet producteur, le narrateur, les personnes et les événements du discours [...] relation de présupposition et d'intentionnalité entre le sujet producteur et son produit [...] problèmes concernant le statut des énoncés littéraires en tant qu'actes de parole.
(THOMAS, 1979, p. 48).⁸

Uma segunda questão a ser examinada é aquela que diz respeito ao deslocamento do eixo da análise crítica, passando do texto para o sistema literário. Do ponto de vista historiográfico, a consideração da literatura como sistema pressupõe, conforme nos ensina Antônio Cândido (1981), a idéia de “continuidade literária”, a forjar uma determinada “tradição”, a qual se firma sobre “conjuntos orgânicos” que manifestam um propósito declarado de fazer literatura. Nesse sentido, importa saber em que medida é possível considerar o fenômeno literário como um sistema sociocultural mais amplo, que extrapola os limites estreitos do texto e ultrapassa as fronteiras da análise estrutural.

Verifica-se, então, a necessidade de se deslocar o eixo analítico para os elementos que condicionam as amplas ações de produção e recepção literárias, adotando uma espécie de abordagem interdisciplinar do fenômeno literário, ao se incorporarem o extra-literário, o não-literário e o paraliterário no universo tradicional da literatura. É, portanto, a essa trama de processos interativos, capaz de ampliar consideravelmente a esfera do fenômeno literário, que chamamos de sistema literário. A adoção de semelhante perspectiva provoca, no limite, um reposicionamento diante do problema da interpretação crítica, já que — como sugerimos — depõe o texto do *locus* central da análise literária para pôr em seu lugar um conjunto de pressupostos circunstanciais e contextuais que promovem o primado da literatura como sistema.

8 Respectivamente: “relação de implicação e de proposição entre o sujeito produtor, o narrador, as personagens e os acontecimentos do discurso [...] “relação de pressuposição e de intencionalidade entre o sujeito produtor e seu produto [...] “problemas concernentes ao estatuto dos enunciados literários enquanto atos de fala” (tradução nossa).

Em outros termos, a análise de um determinado período literário pressupõe uma mudança de perspectiva que evidencia a passagem do texto para o sistema literário, segundo uma heurística que parta da descrição e explicação do conjunto regulador dos fatos culturais, os quais regem a conformação de uma determinada estética. E por ‘conjunto regulador’ entendemos o agrupamento de fenômenos ligados à produção, mediação, recepção e ao processamento de textos literários, tudo resultando no que aqui denominamos sistema literário. É o que prescrevem as teorias da literatura de natureza mais pragmática, segundo as quais não se deve tematizar

o texto literário como entidade autônoma, mas as diversas dimensões do sistema literatura, ou seja, a produção, mediação, recepção e a elaboração pós-referencial de textos literários, [pois] textos são literários apenas na perspectiva dessas constelações acionais sociais concretas, em sistemas históricos definidos por determinados processos de socialização, necessidades cognitivas e afetivas, intenções e motivações gerais e, ainda, por condicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais que correspondem aos sistemas de pressupostos de ação. (OLINTO, 1989, p. 27).

Há, enfim, uma terceira questão a ser abordada: aquela que diz respeito à problemática da ‘institucionalização’ da literatura, isto é, dos fenômenos responsáveis, primeiro, pela conversão de um texto em literatura e, segundo, por sua incorporação no processo historiográfico e cultural de uma nação, o que nos leva à imediata relação entre literatura e identidade. Na verdade, estes são temas demasiadamente complexos para serem tratados em poucas linhas, já que se trata, a bem dizer, de uma problemática que encontra sua origem na própria concepção do conceito de Literatura, podendo ser abordada, conseqüentemente, a partir dos mais diversos pressupostos e das mais variadas perspectivas. De qualquer maneira, trata-se de considerar, mais uma vez, a relação entre o texto literário propriamente dito e os inúmeros aspectos extraliterários que possam, em maior ou menor grau, determinar, num período definido, a prevalência de uma estética, prevalência essa que se

assevera por meio da atuação de algumas instâncias de consagração/legitimação de obras e autores.

A constituição de um texto como literário depende, basicamente, de uma série de questões ligadas, por contraste, a outros elementos próprios do universo lingüístico, que acabam instituindo o texto literário como expansão, restrição ou desvio de normas lingüísticas definidas, resultando na consolidação do discurso como ficção autônoma. Já a determinação de uma certa estética como prevalente – o que faz parte também do processo de institucionalização literária – depende substancialmente de circunstâncias socioculturais amplas, as quais ultrapassam os meros determinantes discursivos e inscrevem-se em práticas institucionais diversas e necessárias:

le texte littéraire, même au niveau désigné comme celui de la 'production littéraire', est transi par des pratiques institutionnelles sans lesquelles il lui serait impossible de fonctionner [...] Car enfin, le texte littéraire n'est pas un objet naturel! [...] C'est un carrefour de pratiques hétérogènes dont le dosage a varié au cours des âges, et même au cours de l'histoire du mode de production capitaliste.
(KUENTZ, 1979, p. 208).⁹

Tal asserção denota, como acabamos de sugerir, a existência de instâncias legitimadoras das estéticas literárias, mas não como consequência de uma relação linear de causa e efeito, senão como parte de um processo dialético em que tais instâncias, ao institucionalizarem a literatura, acabam institucionalizando a si mesmas. Daí a importância de algumas *instituições* na consolidação de determinadas tendências literárias, desempenhando, por um lado, o papel de catalisadores estéticos e, por outro, atuando como cenários em que se representavam os dramas e embates em torno da afirmação dos autores como profissionais da escrita. É o que sugerem as palavras de Maingueneau (1995, p. 19), acerca deste fenômeno: “[toda] obra é indissociável das instituições que a tornam possível: não existe tragédia clássica ou epopéia medieval fora de uma certa condição dos escritores na sociedade, fora de certos *lugares*, de certos modos de elaboração ou de circulação de textos.”

⁹ “o texto literário, mesmo no nível designado como aquele da ‘produção literária’, é impregnado por práticas institucionais sem as quais seu funcionamento seria impossível [...] Porque, afinal de contas, o texto literário não é um objeto natural! [...] É um cruzamento de práticas heterogêneas cuja dosagem variou ao longo do tempo e mesmo ao longo da história do modo de produção capitalista” (tradução nossa).

A adoção de teorias pragmáticas na atividade crítico-analítica não significa o abandono da análise especificamente estética, no sentido de observação imanente da obra literária. O que aqui se buscou destacar, ao contrário, foi a necessidade de se promover um amplo processo de interdisciplinaridade, de relacionamento entre elementos, por assim dizer, literários e não-literários. Em outros termos, entre condicionantes socioculturais da obra literária e o texto literário propriamente dito. Tal propósito nasce da consciência promovida pelas teorias literárias contemporâneas de que já não é possível realizar uma análise conscienciosa sem considerar as instâncias que conferem ao texto literário legitimidade e legibilidade. Aliás, a respeito desse último conceito, embora até o presente momento só tenhamos falado em instâncias de legitimidade, parece-nos um truísmo o fato de que não se pode prescindir – para a cabal compreensão do texto literário – das instâncias de legibilidade, que, para nós, pressupõem tanto questões educacionais, ligadas à alfabetização, quanto aspectos materiais do texto literário vinculados à sua difusão propriamente dita. Trata-se de uma acepção que tem ganho impulso considerável com os trabalhos acerca de práticas de leitura e que estabelece uma relação inextricável com uma abordagem mais ‘histórica’ da literatura, como revelam as palavras de George Steiner (1978, p. 2), segundo as quais, “*there is a social-economic-political matrix of reading as there is of the book as a material fact*”; ou de Roger Chartier (1995, p. 220), para quem “nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor.”¹⁰

Portanto, promover uma análise desse tipo requer atentar para as seguintes observações epistemológicas, a que já aludimos: o necessário deslocamento do discurso da historiografia literária (centrada no texto) para o discurso que privilegia um sentido mais amplo de sistema literário (o contexto), isto é, o processo global da ação literária (produção, divulgação, recepção etc.), e a adoção de uma crítica que se constrói não apenas pela imanência do texto, mas também por seus múltiplos significados circunstanciais, em que o ‘sujeito interpretante’ passa a ser tão importante quanto o ‘texto interpretado’.

10 “há uma matriz social-econômica-política da leitura tanto quanto do livro como um fato material” (tradução nossa). Consultar, ainda, para o mesmo assunto Chartier, 1996; Lajolo; Zilberman, 1996; Zilberman; Silva, 1988.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail; MEDVEDEV, P. *The formal method in literary scholarship. A critical introduction to sociological poetics*. London: Johns Hopkins, 1978.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade. Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BARTHES et al. *Estructuralismo y literatura*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.
- CALDERÓN, Demetrio Estébanez. *Diccionario de términos literarios*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. 2 v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CHATIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- EAGLETON, Terry. *Teoria literária. Uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, s.d.
- FRYE, Northrop. *O Caminho crítico. Um ensaio sobre o contexto social da crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.

GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HOLMAN, C. Hugh; HARMON, William. *A handbook to literature*. New York: Macmillan, 1992.

ISER, Wolfgang. *L'acte de lecture. Théorie de l'effet esthétique*. Sprimont: Mardaga, 1997.

KUENTZ, Pierre. Le texte littéraire et ses institutions. In: DUCHET, Claude et al. *Sociocritique*. Paris: Nathan, 1979.

KUNDERA, Milan. *The art of the novel*. London: Faber and Faber, 1988.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LODGE, David. *Modern criticism and theory. A reader*. London/New York: Longman, 1988.

LODGE, David. *After Bakhtin. Essays on fiction and criticism*. London/New York: Routledge, 1990.

LUKÁCS, György. *Sociología de la Literatura*. Barcelona: Ediciones Península, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária. Enunciação, escritor, sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes / Unicamp, 1997.

NEWTON, K. M. (Ed.). *Twentieth-century literary theory. A reader*. London: Macmillan, 1993.

OLINTO, Heidrun Krieger. (Ed.). *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura. Da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1994.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

SCARPIT, Robert. *Sociologie de la littérature*. Paris: PUF, 1964.

SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura. Observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO,

Heidrun Krieger. *Histórias de literatura. As novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

STEINER, George. *On difficulty and other essays*. Oxford: Oxford University Press, 1978.

TADIÉ, Jean-Yves. *Le critique littéraire au XX^e siècle*. Paris: Pierre Belfond, 1987.

THOMAS, Jean-Jacques. Pragmatique et socio-texte. In: DUCHET, Claude et al. *Sociocritique*. Paris: Nathan, 1979.

TODOROV, Tzvetan (Org.). *Théorie de la littérature. Textes des formalistes russes*. Paris: Seuil, 1965.

_____. *Mikhaïl Bakhtine. Le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

YOUNG, Robert (Ed.). *Untying the text: A pos-structuralist reader*. London/New York: Routledge, 1987.

ZILBERMAN, R.; SILVA, Ezequiel T. (Org.). *Leitura. Perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.